

Mundo



MASSACRE EM ESCOLA NOS EUA

Pai é condenado por crime do filho

Homem deu a jovem no Natal arma usada em ataque a tiros que matou quatro



SINAL VERDE PARA ATAQUE

Netanyahu aprova ofensiva contra Rafah, mas envia delegação ao Catar para negociar trégua

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, aprovou ontem o plano de ação proposto pelo Exército para uma operação na cidade de Rafah, no extremo sul da Faixa de Gaza. O local, que é considerado por Israel um dos últimos redutos do grupo terrorista Hamas, abriga a maior parte da população civil palestina deslocada pelo conflito de outras regiões do território. A decisão ocorre no momento em que as ações do premier são criticadas abertamente, inclusive por aliados próximos como os Estados Unidos.

O sinal verde para a operação militar foi confirmado pelo escritório do premier ao fim de uma reunião do Gabinete de Segurança. Segundo uma declaração, as Forças Armadas estão preparadas para "retirar a população civil" antes do início da operação terrestre. O presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, apoiou para que os líderes mundiais bloqueiem a operação, afirmando que

será "um outro massacre e um deslocamento adicional" dos palestinos. Antes da guerra, Rafah — uma pequena cidade na fronteira do Egito de apenas 65 km² — empobrecida até mesmo para os padrões de Gaza — abrigava 250 mil pessoas. Agora, estima-se que tenha 1,4 milhão — mais da metade da população de 2,3 milhões do enclave — sendo a maioria pessoas que fugiram do norte e do centro de Gaza por causa do conflito. Na cidade, elas enfrentam uma severa escassez de alimentos, água, remédios e abrigos.

EUA FAZEM PRESSÃO CONTRA Na quarta-feira, o principal porta-voz militar de Israel, Daniel Hagari, afirmou que o país pretende remover os civis de Rafah para "enclaves humanitários" antes de iniciar o assalto por terra, acrescentando que a operação "necessária" depende "de condições que a permitam". Israel não deixou claro, porém, onde ficariam esses "enclaves humanitários", nem o tempo necessário para montá-los antes do início do assalto terrestre na cidade.

No fim da tarde, horas depois do sinal verde de Netanyahu, o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, John Kirby, disse que a Casa Branca "gostaria" de ter acesso à proposta, acrescentando que Washington não apoiará nada que não preveja a evacuação de apoio à população civil em Rafah. O anúncio de que Israel seguiu em frente com a ofensiva no Sul de Gaza ocorreu ao fim de uma semana marcada por muitas críticas a Netanyahu, inclusive de aliados próximos, como os EUA, com quem as relações estão cada vez mais estressadas. Na quinta-feira, o líder da maioria democrata no Senado, Chuck Schumer, disse que, além de fazer um duro discurso contra o premier, no qual disse que Netanyahu é "um obstáculo" à paz e que ele deveria deixar o poder para a realização de novas eleições.

Ontem, o presidente Joe Biden, que também tem elevado o tom com o premier, elogiou a fala de Schumer, afirmando que o senador "expressou uma séria preocupação, compartilhada não apenas por ele, mas por muitos americanos". Ao lado do presidente americano estava o premier da Irlanda, Leo Varadkar, que em várias ocasiões — inclusive diante de Biden — defendeu um cessar-fogo em Gaza.

Premier de Israel está sob pressão de aliados para evitar catástrofe humanitária em Rafah — Precisamos de um cessar-fogo o quanto antes, para levar comida e remédios e para retirar os reféns. Precisamos falar sobre como podemos fazer isso acontecer e caminhar para uma solução de dois Estados — disse Varadkar. Há cerca de um mês, o presidente francês, Emmanuel Macron, disse a Netanyahu que um ataque à cidade "causaria um desastre humanitário de uma magnitude nova,

e levaria ao deslocamento forçado de populações", declarando ainda sua oposição à ofensiva. Mesmo o chanceler alemão, Olaf Scholz, na linha de frente da defesa de Israel — afirmou que a operação seria "injustificável". Antes do anúncio da aprovação da operação em Rafah, o grupo terrorista Hamas propôs ontem uma trégua de seis semanas e uma troca de 700 a mil presos palestinos por 42 reféns — incluindo mulheres, crianças, idosos e enfermos — capturados no 7 de outubro, quando o grupo invadiu e atacou o sul israelense, debaixo de quase 1,2 mil mortes e sequestrando quase 240 pessoas. Durante uma trégua temporária em novembro, mais de 100 deles foram soltos, e Israel calcula que ainda estejam em cativeiro 102 pessoas vivas e corpos de outras 34.

A proposta é mais flexível do que a anterior, em que o Hamas exigia um cessar-fogo permanente desde o início. De acordo com os termos em um rascunho revisado pela agência britânica Reuters, a nova proposta afirma que a data para um cessar-fogo permanente será definida após a troca inicial de reféns por prisioneiros, bem como um prazo para a retirada israelense de Gaza. O texto ainda propõe que todos os detidos de ambos os lados sejam libertados em uma segunda fase do plano.

'OTIMISMO CAUTELOSO' Apesar de mais cedo Netanyahu ter chamado de "irrealistas" os novos termos propostos pelo Hamas para um cessar-fogo, a equipe do premier anunciou que o governo vai enviar uma delegação a Doha, no Catar, para negociar uma troca de prisioneiros palestinos pelos reféns. Na entrevista coletiva, Kirby disse que a nova proposta "estava dentro do previsto", levando em conta o que os negociadores vêm discutindo nos últimos meses. — Estamos cautelosamente otimistas de que as coisas estejam se movendo na direção correta — disse o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA.



Fome. Palestinos se amontoam à frente de um centro de distribuição de comida em Rafah, onde 1,4 milhão de pessoas estão à mercê de uma nova ofensiva de Israel que deve exacerbar as dificuldades extremas dos moradores do enclave.

Israel nega ter atirado contra palestinos à espera de ajuda humanitária

As Forças Armadas de Israel negaram ontem envolvimento na morte de cidadãos palestinos que esperavam por ajuda humanitária na Faixa de Gaza na quinta-feira, culpando palestinos armados pela ação. O Hamas afirmou que disparos israelenses deixaram 20 mortos e 155 feridos em uma rotatória que liga o norte e o sul do enclave. O incidente ocorreu mais de duas semanas depois que, segundo autoridades pa-

lestinas, mais de 100 pessoas morreram enquanto esperavam a entrega de suprimentos na Cidade de Gaza em 29 de fevereiro. Na ocasião, Israel negou responsabilidade, afirmando que as mortes decorreram de um tumulto e admitindo que soldados dispararam somente contra um grupo de palestinos considerado armados.

Ainda na quinta-feira, Israel classificou os relatos sobre envolvimento de seus militares como "falsos" e disse que estudava o incidente minuciosamente. Em nova comunicação, ontem, os militares culpam "palestinos armados" pelos desdobramentos no solo. "Na última quinta-feira, as Forças Armadas facilitaram a passagem de 31 caminhões de ajuda humanitária para civis no norte de Gaza. Aproximadamente uma hora antes da chegada do comboio ao corredor humanitário, palestinos armados abriram fogo enquanto civis de Gaza aguardavam a chegada do comboio de ajuda", diz o comunicado do Exército.

Para corroborar sua afirmação, o Exército de Israel divulgou posteriormente nas redes sociais um vídeo gravado por drone em que as imagens parecem mostrar homens fazendo disparos a curta distância. Não há informação, porém, de quando ou onde a gravação foi feita, nem foi apresentada evidência adicional para confirmar que os atiradores da gravação eram palestinos.

A nota do Exército informa, ainda, que a investigação preliminar aberta na noite de quinta-feira indica que as tropas israelenses não abriram fogo contra as pessoas que esperavam ajuda. De acordo com o relato de um correspondente da rede al-Jazeera, um helicóptero israelense abriu fogo contra a multidão de palestinos que aguardava caminhões de ajuda humanitária passarem pelo local. Testemunhos preliminares obtidos pela ONG Monitor Euro-Mediterrânico dos Direitos Humanos também afirmaram que a população foi alvo de disparos.

Algumas testemunhas oculares ouvidas pela CNN disseram ter ouvido disparos similares aos de tanques ou artilharia. Em comunicado, o porta-voz da Defesa Civil de Gaza, Mahmoud Basal, acusou Israel de estar por trás do ataque. "As forças de ocupação israelenses ainda estão praticando a política de matar cidadãos inocentes que esperam por ajuda humanitária como resultado da fome que ocorre no norte da Faixa de Gaza", disse em nota. Segundo as autoridades de Saúde de Gaza, mais de 400 palestinos morreram em ataques israelenses durante a entrega de ajuda humanitária.